

SENSUS

Liliana Rodrigues

Universidade da Madeira

CIE-UMa

Nota introdutória:

Três personagens, que são pessoas reais, constituem o corpo do trabalho e, algumas vezes, surgem pensamentos que aparentemente diriam respeito à personagem menos interveniente (professora de Filosofia). Outras vezes, esses pensamentos surgem soltos, como se estivessem dados, mas nunca se percebe propriamente de quem são.

As duas personagens cruciais são o homem do senso comum, que veste a roupa de empregado do café do aeroporto, e outra é a de alguém (um aluno) a quem a Filosofia despertou alguma inquietação. Esta última personagem por vezes parece estar a falar com uma quarta personagem (como se estivesse a tentar “explicar” a alguém a matéria leccionada), outras vezes parece estar simplesmente a se questionar, especialmente quando se fez referência, em rodapé, ao Manual de 11º ano.

A maior dificuldade presente, no exercício da docência em Filosofia, é a de credibilizar a própria Filosofia, já que a sua ineficácia em dar respostas muito dificilmente pode dignificá-la perante os homens que pretendem a imediatez de resolução. A filosofia não resolve os problemas práticos do mundo comum. *A Filosofia não é uma doutrina, mas uma actividade*". (Wittgenstein, Tractatus, *4.112).

“Como assim?” É perante este problema que a maior parte dos meus educandos se vêem, antes e agora.

E como pode alguém por em palavras o que não pode ser colocado em pergunta?

Dia 13-03-98 pelas 22:30h

- Hoje foi um daqueles dias que mais valia não ter saído da cama! Imaginem que tive duas horas para chegar ao trabalho. Eu trabalho no café do aeroporto. É cansativo naqueles dias em que toda a gente decide viajar. Neste sentido é lógico que se dirijam ao aeroporto...o que é tramado é que atravesso a segunda circular e lá se fica uma eternidade (o que, diga-se desde já, é muito tempo). Esta Expo 98 dá cabo do juízo de qualquer um! Ainda por cima, não poderei lá ir...estarei a trabalhar por causa dos que vêm visitar aquilo a que os senhores deputados e entendidos na matéria, chamam de acontecimento do século em Portugal.

Mas, deixem-me explicar a estupidez que eu vi hoje: lá ia eu no meu carrito (um Renault cinco, daqueles de três portas, a cair aos bocados mas do qual me sirvo por enquanto - digo por enquanto porque penso que esta semana vou ganhar a lotaria nacional, é só um pressentimento...). Desculpem...bom, ia na segunda eternidade (circular) quando reparei no tipo que ia à minha frente com um BMW (725). Digo-vos, era cá um carro!! Mas o mau gosto do dono do carro sobressaiu quando colou uma porcaria de um autocolante que dizia: "NÃO ME SIGA, EU ANDO PERDIDO!"

Quer dizer, se ele anda perdido com um BMW, imaginem eu, com este carrito... ainda por cima ele sabia muito bem onde estava, na segunda circular! Esta história toda para vos contar que o raio do autocolante que chamou à minha atenção, fez-me dar uma "pastilha" na traseira do BMW!!! As coisas de que um autocolante é capaz. Se fosse noutro carro qualquer..., mas como é que alguém num BMW pode andar perdido? Se por perdido entendermos que se sabe que se está na segunda circular?! Isto é com cada um...

Bom, lá sai do carro e imaginem quem era o condutor do BMW: uma raparigueta, para aí com uns 25 anos. Tinha um rosto singelo, ou melhor, não era propriamente uma daquelas mulheres que nos dão a felicidade eterna. Lá me dei por culpado e ninguém se chateou. Até porque a moça

mal falou. Até parecia que tanto lhe dava...Fiquei com uma sensação estranha...

Cheguei ao trabalho, vesti a minha farda e o lacinho que até dá um certo charme. Imaginem: a rapariga do BMW lá estava sentada (é óbvio que ela chegou antes de mim...um BMW é sempre um BMW!).

Eu decidi chegar-me perto dela como quem não quer nada...Sabem?... Eu queria saber se ela ia viajar, ou se simplesmente estava à espera de alguém. Tomei coragem e ar: "Então? Não me diga que lhe fiz perder o avião?"

Lição 56

Dia 14-03-98, 13:40h

- Comprem o Príncipezinho. Não é muito caro. Custa cerca de 1200 escudos. Quem não puder comprar, existe o livro na biblioteca da escola! Portanto, podem requisitá-lo.

- Ela levantou os olhos de um livro branco com um título invulgar, o Príncipezinho, (aliás parece que esse rapazito era muito amigo de flores, raposas e serpentes. Conta-se que ele se dava com um menino cá da Terra!). "Não. Dizem que no aeroporto existem voos para qualquer destino. Qual será o dos homens?" Ora, eu fiquei com um ar meio de estúpido...não percebi... Esta deve ser mais uma apanhada... as drogas e as pastilhas dão cabo desta juventude.

- Eu tenho o livro em casa. Comprei há algum tempo. Mas para quê que a stôra de Filosofia insiste na leitura do Príncipezinho?

RTP – 23:05h: O Clube dos Poetas Mortos

“- Devemos olhar constantemente as coisas de uma maneira diferente.

(...) Quando pensarem que sabem alguma coisa olhem-na novamente, mas de maneira diferente. Mesmo que vos pareça disparate ou errado, não deixem de tentar. (...) Esforcem-se por achar a vossa própria voz.

Quanto mais esperarem para começar, menos possibilidades têm de a encontrar.

Thoreau disse: «A maioria dos homens vive uma vida de silencioso desespero».

Não se resignem a isso; libertem-se! (...) Ousem avançar e encontrar novos pontos de vista!

O termo para este sentimento, em latim, é carpe diem (...). Acreditem ou não, todos nós um dia deixamos de respirar, ficamos frios e morremos. (...)

«Carpe diem», rapazes, tornem as vossas vidas extraordinárias! (...)

Quero revelar-vos um segredo. Aproximem-

se. Não lemos e escrevemos poesia só porque é giro; lemos e escrevemos poesia porque fazemos parte da raça humana. Medicina, direito, gestão, engenharia são obres (pobres? nobres?) actividades à vida. Mas a poesia, a filosofia, a beleza, o romance, o amor são as coisas que nos fazem viver.”¹

- Durante todo o dia pensei naquilo. Que coisa esquisita! Gente esquisita. E ela até parecia boa rapariga... Parecia que não sabia o que andava cá a fazer. Como é que alguém se perde? Eu não me posso perder de mim mesmo, já que eu estou sempre comigo. De regresso a casa (mais outra eternidade), ouvi uma música que dizia: “And if I die before I wake, pray the Lord my soul to take”... quem será esse Lord? Não sei muito de inglês, mas percebi a parte de que “se eu morrer antes de acordar.” Outra estupidez. Eu não vou morrer tão cedo. Além do mais eu acordo todos os dias.

“(...) Todos os homens são filósofos na medida em que assumem uma ou outra atitude ou posição perante a vida e a morte. Alguns consideram a vida sem valor,

1 Extraído do filme O Clube dos Poetas Mortos

porque tem fim. Esquecem que o argumento contrário pode ser igualmente invocado. Se não houvesse fim, a vida não teria qualquer valor. Esquecem que é, em parte, o risco permanente de perder a vida que nos ajuda a compreender o seu valor.”²

- Esperem lá! E se por acaso eu não acordar? Nãnhhh... eu desde que me conheço que acordo, levanto-me, vou trabalhar, regresso a casa (pelo meio tomo uma cervejinha no café do Sr. Gomes), janto e durmo, para depois acordar... isso de morrer “tá” longe.

“O que é a morte? Se a considerarmos em si mesma, se por abstracção a separarmos das imagens de que a revestimos, veremos que não é senão uma operação da natureza; quem tem medo de uma operação da natureza é ainda criança.

A duração da vida humana é um ponto, um fluxo perpétuo; a sensação, um fenómeno obscuro; a reunião das partes do corpo, uma massa corruptível; a alma, um turbilhão; a sorte, um enigma; a reputação, uma coisa sem sentido.

2 K. Popper, *Em Busca de Um Mundo Melhor* in *Manual de 11º ano*

Em suma, do corpo tudo é rio que corre; da alma, tudo é sonho e fumo; a vida é uma guerra, uma pressa de viajante; a fama póstuma é o esquecimento.

Que é que nos pode guiar? Uma só coisa: a Filosofia.

A Filosofia é preservar o gênio que está em nós de toda a infâmia e todo o prejuízo; é vencer o prazer e a dor, não fazer nada ao acaso, não usar mentira nem dissimulação (...); é receber tudo o que nos acontece...é esperar a morte com o coração tranquilo (...).”³

- Mas se não vale a pena viver, porque é que nós damos sentido? Se é a morte o fim do homem, aquilo que nos espera, para quê dar sentido? Porque é que colocamos biombos entre nós e ela? Qual o sentido da vida, da existência humana? Porquê esta necessidade de dar sentido à nossa existência? Nós somos lançados no mundo e é pela inquietação, por ainda não “sabermos”, que a questão do sentido se põe. Aquele que não sente esta inquietação não pode de modo algum perguntar pelo sentido!

Este é um lugar de desafeição

O tempo antes e o tempo depois

3 Marco Aurélio, *Pensamentos in Idem*

*Numa luz sombria: nem luz do dia
Investindo a forma de lúcida quietude
Transformando a sombra em efémera beleza
Com vagarosa rotação sugerindo permanência
Nem escuridão para purificar a alma
Esvaziando o sensual pela privação
Purificando a afeição do temporal.⁴*

- Eu moro só... as pessoas são cansativas. Não é que não goste das pessoas, mas eu não sou lá muito dado a misturas. Nunca percebi muito bem as pessoas, e digamos que depois daquela mocinha deixei de vez de perceber!!

Fui às compras. Costumo ir ao Modelo da Amadora. Ia comprar carne e queijo, mas acabo sempre por levar inutilidades que mais tarde ou mais cedo têm algo de útil. Reparei que lá tinha uma parte dedicada a livros (parvos são aqueles que pensam que os supermercados não são cultura...). Vi o livro que a moça do BMW estava a ler. Comprei.

Eu nunca fui muito de leituras. Leio a Bola e o DN. Continuando, passei o fim-de-semana a tentar ler o tal livro. Outra estupidez. É coisa para putos. Nem acabei... fiquei pela página. 25. É claro que precisaria de muitos fins-de-semana!

4 T.S. Eliot, Quatro Quartetos, trad. M^a Amélia Neto, Ed. Ática, Lisboa, 1983, 3^aed.

- Perca de sentido? Mas parece-me evidente que a vida tem sentido...

- *Qual?*

“Acerca daquilo de que não se pode falar, tem que se ficar em silêncio”.⁵

- Então “stôra”?!! É óbvio! Se eu estou na escola é para alguma coisa e é este o sentido da minha vida!

- *Parece-me muito pouco... diz-me: qual o sentido da vida? E perguntar pelo sentido é antes de mais perguntar o quê? Por quem? Para quê?*

“Sentimos que mesmo quando todas as possíveis questões da ciência fossem resolvidas os problemas da vida ficariam ainda por tocar. É claro que não haveria mais questões (...)”⁶

- *Lembrei-me da rapariga do BMW.*

À noite:

T.P.C. - Comente o texto:

O Sentido da Vida*

Que andamos cá a fazer? Para que serve esta vida?

⁵ Wittgenstein, *Tractatus*,*7 (a professora tem um separador nesta página.)

⁶ Idem,*6.521

*Deus existe realmente, ou é de pôr em dúvida?
Esta noite vamos tirar isso a limpo. Quando
virmos, O SENTIDO DA VIDA.
Para que serve toda esta treta? É a história da
galinha e do ovo, E nós somos apenas gemas?
Ou será que Deus se diverte à nossa custa?*

*Ça c'est, O SENTIDO DA VIDA.
Será a vida apenas um jogo, de que nós fazemos
as regras, enquanto procuramos ter algo que
dizer?
Ou seremos apenas fios de ADN capazes de se
auto-aplicarem?
Qual o nosso destino? Haverá céu e inferno?
Iremos reencarnar?
A humanidade evoluciona, ou é tarde de mais?
Vamos hoje ver O SENTIDO DA VIDA.
Perguntamos pois:
Que andamos cá a fazer? E que
receamos nós afinal?
Ce soir para variar, tudo ficará claro.
Aqui têm O SENTIDO DA VIDA.
LE SENS DE LA VIE*

**texto extraído do genérico do filme "O
Sentido
da Vida" dos Monthy Python*

Lição 57

Dia 16-03-98

- *O QUE É O HOMEM?*⁷

- *Há coisas! Mas lá que ela parecia triste... bom há dias assim! E que raio de pergunta era aquela? "Dizem que no aeroporto existem voos para qualquer destino. Qual será o dos homens?"*

- Não sei dizer...

“(...) - Os homens - disse o Príncipezinho - bem se encafuam dentro dos comboios, mas já não sabem do que andam à procura. Portanto, não fazem senão andar à roda...

E ainda comentou:

- *É que não vale mesmo a pena!*”

- *Aqui está mais uma pergunta típica de alucinados e drogados. Sim, porque esses só pensam em coisas que não interessam a ninguém. Eles não perguntam: "O que vou comer amanhã?"*

- Diga-se de passagem que a minha “stôra” de Filosofia tem cá umas coisas?! O que interessa saber o que é o homem?! Toda a gente sabe! Sabemos tão bem que as palavras não chegam. Por isso, tenho de admitir que numa

7 Immanuel Kant (1724-1804)

coisa aquele austríaco tinha razão: “SOBRE O QUE NÃO SE SABE, DEVEMOS FICAR EM SILÊNCIO!”⁸.

- *Deixei o livro de lado e li o DN.*

- Ah! Leiam o DN de hoje.

À noite:

- Pai, compraste o DN?

“Dia Estranho. Foi um dia estranho. E perfeitamente inexplicável.

De início, um dia como qualquer outro. Cheguei a casa um pouco mais tarde do que normal, é verdade; apesar do atraso, ou talvez por causa dele, não estava ninguém em casa (...). Jantei sozinho, em frente da televisão. Completamente entregue a pensamentos tristes e pessimistas, pensamentos que desde algum tempo me visitam frequentemente. Não faço ideia porquê. Ou nem tanto pensamentos. Questões.

Para quê? Para quê tanto trabalho, tanto esforço, tanto empenho, tanta luta?

Tenho uma mulher que cada dia me suporta menos, um filho que amo mas me aborrece, poder sobre pessoas, a amizade hipócrita de dezenas de interesseiros, gostos

artificiais que pouco têm a ver comigo.

A minha vida é isto e pouco mais.

E não sei porquê.

Vou meditando preguiçosamente, com pena de mim, vagamente envergonhado, talvez por não ter nada mais que fazer. (...) Recordo, melancolicamente, os meus tempos de criança. Tempos felizes, despreocupados. Tempos em que fazia o que queria, o que me apetecia, o que gostava. Tempos em que não era preciso representar a cada segundo. Tempos independentes. E, de repente, - surpreso, assustado, curioso - reparo que estou no chão, com os carrinhos do meu filho nas mãos (...). Percebo a figura estranha que devo ter, assim estendido no chão, a amarrotar a gravata Hugo Boss, agarrado a um Ferrari vermelho com cinco centímetros de comprimento. Imagino o que pensará a minha mulher se chegar e verme assim. O que pensará o meu filho, quando me vir a brincar com os seus carros.

Imagino a humilhação que será, a vergonha que sentirei, o embaraço deles.

Imagino tudo isto e, ainda assim, não

consigo parar, não quero parar. Não resisto a permanecer neste mundo só meu, em que sou Deus. Todo-Poderoso, imortal, onnipotente. Amado.”⁹

- Este deve ser amigo da “stôra” de Filosofia...

“Jantei sozinho, em frente da televisão. Completamente entregue a pensamentos tristes e pessimistas, pensamentos que desde algum tempo me visitam frequentemente. Não faço ideia porquê. Ou nem tanto pensamentos. Questões.

Para quê? Para quê tanto trabalho, tanto esforço, tanto empenho, tanta luta?”

E assim comecei... porquê a minha vida? Decidi dedicar-me à busca desta resposta como aquele idiota que escreveu um livro sobre si mesmo¹⁰. Hei-de de ser capaz de dizer o sentido.

“(...) tendemos para um destino desconhecido, sem prestar atenção ao que aparece ao longo

⁹ Paulo Kellerman, *Dna*, Lx. 2 de Novembro 1997

¹⁰ Félix de Azúa, *História de Um Idiota Contada por Ele Mesmo*.

do caminho; e alcançado esse destino, uma voz trocista diz-nos que o nosso destino era **PRESTAR ATENÇÃO E DESCANSAR** em cada uma das minúsculas revelações que se tinham ido abrindo à nossa passagem; cada uma delas nos aconselhava, destino, e muito menos um destino feliz. Só assim se luta contra a asfixia e a angústia do tempo e do dono da cortina: prestando atenção ao que se **ENCONTRA** e não ao que se procura".¹¹

Lição 58

Dia 16-03-98, 17:50h

- Voltemos ao problema: é claro a qualquer um de nós que perguntar pelo sentido da vida, pelo homem e pela felicidade não é a mesma coisa que perguntar o porquê de o Sporting não ganhar campeonatos.

(Risos...)

- Também não é a mesma coisa que perguntar o que é uma pedra. Penso que isto é intuitivo. Se bem que saber o que é uma pedra é muito complicado. Reparem que todo o nosso conhecimento não é mais do que uma construção nossa. A realidade tal como é em si mesma não nos é acessível. O problema do conhecimento passa essencialmente

¹¹ *Idem, pg. 114*

pelo modo como os objectos nos aparecem, pelo modo como nós os percebemos.

- Ora, eu quando vejo uma mesa vejo uma mesa tal como ela é! Não a vejo como uma cadeira!

“Se as portas da percepção fossem purificadas, tudo se mostraria ao homem tal como é, Infinito.

Pois o homem encerrou-se em si próprio ao ponto de ver todas as coisas através de estreitas gretas da sua caverna”¹²

- *Os sentidos enganam! Reparem que a evidência de um objecto em geral é entendida como a clareza com que os vemos. Durante séculos os homens acreditaram que a Terra era imóvel (e realmente é essa a sensação que temos). Ora, suponho que todos vós tenhais conhecimento que isso é enganador. Efectivamente não é a terra que é imóvel, mas o sol. Outro exemplo: Imaginem que o sol deixou de existir. Só daqui a uns dez minutos é que nós iremos saber, apesar de os nossos sentidos nos mostrarem que ele está a brilhar, que existe! Nós olhamos para estrelas que já morreram... no entanto, elas parecem estar lá.*

¹² William Blake, *A União do Céu e do Inferno*, p.34.

“Sancho Pança acordara decididamente maldisposto. Palmas a seu amo não bateu, pois não estava virado para cantigas ouvir. Detido estava ainda pelo termómetro. Pois não servia o termómetro para medir calor? Era de mais!

- Eu não sou homem para emprenhar pelos ouvidos, queira vossa mercê saber. Só Deus sabe onde está a verdade e fiquemo-nos por aqui, que é melhor não remexer mais as águas...- retorquiu Sancho.

- Excelente ideia me deste, meu bom Sancho. Ora desce do teu ruço que o mesmo farei do meu Rocinante. E vai

buscar aqueles três *gobelets*, que eu te mostrarei, pela experiência, como os teus sentidos te enganam.

Sancho tinha por perto três bacias que muito úteis lhe tinham sido durante a noite. Os seus olhos interrogaram o amo, ao mesmo tempo que obedecia ao seu mando. *Gobelets* seriam as tais bacias, uma vez que D. Quixote se mostrava satisfeito.

- Esses três vasos, Sancho, são todos iguais e em todos vou pôr uma temperatura diferente:

aqui ponho água que tirei do frigorífico; neste, da que retirei do ribeiro que ali corre; e naquele outro, da que aqueci no microondas.

Dito e feito, constatou Sancho. D. Quixote continuou, sem interrupções, em voz firme e desenvolta:

- Amigo Sancho, mergulha a tua mão esquerda no *gobelet* à tua esquerda e a tua mão direita no *gobelet* à direita. Que me dizes?

- Digo, senhor, que nesta escaldo e nesta regelo.

Assim é, assim deve ser. Agora, Sancho, mergulha as duas mãos, ao mesmo tempo, no vaso do meio. Que sentes?

- Uf!, está fria, não senhor, está quente, quero dizer, está fria e quente e quente e fria...

- Que grande confusão te pregaram os sentidos! A água está morna; é a água do ribeiro, estás lembrado? Mas quente parece à tua mão gelada e fria parece à tua mão escaldada"¹³.

- É claro que os objectos que percebemos têm sempre algo a ver com a realidade, com os objectos, mas isso não significa que o objecto seja dado na sua

13 Raquel Gonçalves, *Diálogo Entre os Dois Principais Sistemas do Mundo: o "Senso Commum" e o "Senso Científico"*, pg. 71

pureza, em si mesmo. Se há um sujeito que percebe é porque há um objecto que é percebido, percebido.

Neste sentido o acto perceptivo é uma mescla de sujeito e objecto, o que torna a própria realidade uma construção do sujeito cognoscente, do sujeito do conhecimento.

- Não estou a ver muito bem...

- *As coisas não são assim tão evidentes. Repara: o que é uma pedra? Tu vês uma pedra e reconheces a pedra como pedra, mas ela em si mesma existe independentemente de nós a percebermos ou não. Ou será que os objectos só existem porque nós os percebemos?*

“Só percepciono as minhas próprias ideias, e nenhuma ideia pode ter existência que não seja a existência numa qualquer mente (...).”¹⁴

- *Neste caso quem, ou o quê que asseguraria a realidade quando eu não a percepcionava?*

“Assim, porque os sentidos nos enganam algumas vezes, resolvi supor que não existe coisa alguma que fosse exacta, como eles a fazem imaginar”¹⁵

¹⁴ G. Berkeley, *Tratado do Conhecimento Humano*

¹⁵ Descartes R., *Discurso do Método*, pg. 88

- *Mas a realidade está aí?! Mas evidência implica objectividade e nós, sujeitos do conhecimento, precisamente por sermos sujeitos, portanto subjectividade, de algum modo maculamos aquilo que é objectivo, real, puro, objectivo. Conhecer objectivamente implica afastarmo-nos do que é subjectivo, ou seja, de nós próprios.*

- Mas eu não posso afastar-me de mim mesmo! Isso seria anular-me a mim!

- Nós “reconstruímos” a realidade. Não podemos fugir ao nosso ponto de vista!

“A realidade oferece-se, pois, em perspectivas individuais. O que para um está em último plano encontra-se para outro em primeiro. A paisagem ordena os seus tamanhos e as suas distâncias de acordo com a nossa retina, e o nosso coração reparte as tonalidades” (Edgar Pêra, Who is the Master?)

TEXTOS DE APOIO - 11º ANO - TURMA DE MECÂNICA¹⁶

“Todos os homens desejam por natureza conhecer. Assim o indica o amor aos sentidos[...] e mais que a outro qualquer à visão. A causa é que, de todos os sentidos, este é o que nos permite conhecer mais e o que nos mostra mais diferenças. Por natureza os animais nascem dotados de sensação, mas esta não produz em alguns a memória, enquanto que noutros sim. É por isso que estes são mais prudentes e mais aptos para apreender que aqueles que não podem recordar. Mas o género humano dispõe da técnica e da razão. E da recordação nasce para os homens a experiência, já que muitas recordações da mesma coisa chegam a constituir uma experiência.”

Aristóteles, Metafísica, 980 a-b (adaptado)

“Não resta dúvida de que todo o nosso conhecimento começa pela experiência; efectivamente, que outra coisa poderia despertar

¹⁶ A professora entrega todas as semanas textos que, de algum modo, podem contribuir para uma melhor compreensão dos problemas tratados nas suas aulas. É óbvio que ninguém os lê...

e pôr em acção a nossa capacidade de conhecer senão os sentidos e que, por um lado, originam por si mesmo as representações e, por outro lado, põem em movimento a nossa faculdade intelectual e levam-na a compará-las, ligá-las ou separá-las, transformando assim a matéria bruta das impressões sensíveis num conhecimento que se denomina experiência? Assim, na ordem do tempo, nenhum conhecimento precede em nós a experiência e é com esta que todo o conhecimento tem o seu início.

Se, porém, todo o conhecimento se origina com a

experiência, isso não prova que todo ele derive da experiência.

Immanuel Kant, Critica da Razão Pura, B1.

“Conhecer as coisas será, então, conhecer o que elas verdadeiramente são, o que têm de comum e permanente. Os gregos estavam firmemente convencidos de que, por muito útil que o conhecimento sensível possa ser, os sentidos não bastam para nos proporcionar esse conhecimento. Pelo contrário, os sentidos mostram-nos uma multiplicidade de indivíduos,

de aparências e de estados mutáveis e acidentais. É necessário um esforço intelectual, racional, para atingir o ser das coisas. Deste modo e em correspondência com a dualidade anteriormente estabelecida (unidade e permanência face à pluralidade e mudança), os gregos estabeleceram ainda uma dualidade no campo do conhecimento: razão face aos sentidos.”

Gordon e Martinez, *História da Filosofia*,
Vol. I, Ed. 70

- Uma vez conheci um rapaz que perguntou-me se eu sabia o que era uma pedra. Ele escreveu um livro que se chamava “O problema do conhecimento de uma pedra”. Ganhou muito dinheiro e imaginação: decidiu comprar terrenos para plantar uma única flor...dizem que ele guardava uma flor há muitos anos, porque teve de escolher entre a terra e a flor. Não teve lá grande juízo... ficou com uma flor. Imagine-se.... Bem, mas de que servia ter terra se não tinha a flor para lá plantar? Também ele devia ter lido o tal livro do pequeno príncipe... ou se calhar ele era o tal amigo cá da terra!

“ Os homens da tua terra - disse o principezinho - plantam cinco mil rosas no mesmo jardim... E, mesmo assim não descobrem aquilo que andam à procura...¹⁷”

Lição 59

Dia 19-03-98

- O QUE É O HOMEM? *Perguntar isto implica que eu primeiro pergunte: QUEM SOU EU?*

- Então e o que é o EU? (Consultei um dicionário de filosofia: EU: subjectividade que se relaciona consigo mesma, que se assume a si própria.) Ok! Fiquei na mesma. Bom, uma coisa é certa. EU com certeza que tem a ver comigo, ou então já não seria eu e seria OUTRO. Bem, mas o outro também é EU. Ora, o outro serve para eu me identificar como sendo Eu e eu sirvo para o outro se identificar como ele mesmo sendo EU. Neste caso, o EU e o OUTRO têm uma relação que permite a identidade e a diferença. Parece-me que um filósofo muito importante, que inspirou alguns comunistas, escreveu uma história sobre um escravo e um senhor. Parece que no fim, ganhou o escravo¹⁸.

- *O reconhecimento implica uma relação de identidade e de alteridade.*

17 Exupéry A., *Príncipezinho*, pg. 81

18 Hegel, *Fenomenologia do Espírito*

- É mais ou menos, a história de todos diferentes, todos iguais. A grande diferença é que não se refere a este ou aquele, mas a todos os homens, porque o Eu é universal. Agora já percebo a história da subjectividade. Então, o Eu não é uma coisa, apesar de ser evidente. A evidência de nós próprios como “coisas” existentes, não é a mesma evidência que eu tenho desta caneta aqui à minha frente, ou das meias que deixei na casa de banho.

- *É evidente que um gajo que tem um BMW não pode andar perdido. Estas mulheres andam mesmo “passadas da cabeça”. Foi por isso que nunca quis casar! São todas iguais.*

- Assim, cheguei a uma conclusão: o EU revela-se quando eu percebo, ou “vejo” as coisas, ou indo mais longe, quando eu tenho “notícia” do mundo.

Mas, esperem lá! Quando eu quando vejo, represento o mundo (através do acto perceptivo - filosoficamente falando) isso não significa que o mundo seja como eu o vejo. Então o que é o mundo?

“Ora aí está uma pergunta difícil...

O que há no mundo?

Há carros, casas...

É pá, nem penses que eu vou te dizer

*tudo o que há no mundo
porque são tantas coisas!!...”¹⁹
“O que é o mundo?
Tenho ali um no quarto.
Só que é um candeeiro.
O mundo tem terras.
Tem Lisboa que está em Portugal,
Tem Londres que está em Inglaterra...”²⁰*

- Parece que o senhor (aquele que a “stôra” falou) que passeava na tal praça alemã escreveu três críticas²¹ e numa delas falava disto. Ele entendia que nós não víamos as coisas tal como elas são em si mesmas (númenos), porque nós, por assim dizer, nos misturamos com elas e assim eles deixam de ser elas (coisa em si) em relação a nós, porque nós apenas percebemos as coisas como elas nos aparecem (fenómenos). Confuso? Concordo. É assim: quando eu vejo uma coisa, eu represento (*fabrico* uma imagem) essa coisa e neste sentido ela deixa de ser em si mesma e passa a ser como eu a vejo, do como ela me aparece. E como ela me aparece implica forçosamente o

¹⁹ Hugo (5 anos), DN, 97- 10 - 18

²⁰ Margarida (4 anos), DN, 97 - 10 - 18

²¹ Kant, *Crítica da Razão Pura, Crítica da Razão Prática e Crítica da Faculdade do Juízo*.

meu modo de percebê-la, ou sendo mais pedante: como eu a percepciono!

A questão é que o EU revela-se a mim como que por uma cisão entre mim mesmo e as coisas. É óbvio que eu não sou o interruptor da luz que vejo aqui à minha frente (estou a preparar-me para ir para a cama).

Mas, eu também tenho consciência de mim mesmo quando faço coisas. Mais precisamente quando ajo. No domínio da acção eu encontro-me perante duas situações muito aborrecidas: tenho de deliberar e tenho de decidir. Existem sempre razões que me levam a agir. Por exemplo, vou ou não à Madeira? Tenho dinheiro para isso? Todas estas ponderações são exteriores a mim, dizem respeito a uma certa objectividade. Mas aí está ela: a decisão. Esta só a eu posso tomar! Daí que seja subjectiva, porque diz respeito ao que em mim existe de mais interior. É sempre um momento de angústia.

“A angústia é a possibilidade da liberdade”²²

- Este sentimento não me larga. Está sempre antes de qualquer decisão. Reparem bem: quando eu decido fazer alguma coisa existe sempre a possibilidade do fracasso e pior do que isto, são as consequências da minha acção. A única coisa que me ocorre neste momento é os tipos das motos. Aqueles que gostam de ultrapassar pela direita: quantas

22 Kierkegaard, *Conceito de Angústia*

vezes já pensei nesses momentos em dar um toquezinho na direcção mais à direita... imaginem as consequências de tal acto! Pior: e se eu falhasse tipo da moto e acertasse num cão que estava na beira da estrada??!! Agora a sério, o medo de falhar e as consequências dos meus actos constituem a angústia de ter de decidir. Mas é pela decisão que eu encontro a minha liberdade.

- *Hum!... Não sei se hei-de de comer um Hamburger, ou uma sandes de galinha. Detesto ter que decidir. É angustiante. Bem, ela (a empregada do Srº Gomes) que decida por mim.*

- Bom...na Dinamarca²³ têm uma maneira muito estranha de falar da liberdade. Mas até faz sentido: se a decisão é antecipada por um sentimento de angústia, isso significa que esta última é condição necessária para a liberdade de acção. Sim...eu sou sempre livre de decidir, de optar.

- *Optar pela razão é domesticar a animalidade no homem.*

- Já um francês chamado Eric Weil dizia algo de parecido²⁴. Dizia que nós somos sempre livres de optar pelo pensamento, pela reflexão que está forçosamente ligada com o momento da decisão (esta é já racional), ou então

23 Kierkegaard, filósofo dinamarquês (1813-1855)

24 Eric Weil, *Filosofia Política*

podemos ser animais toda a vida e deixarmo-nos guiar pela nossa animalidade, pelo que de mais violento temos em nós. Claro que ele disse isto de uma forma mais bonita. Parece-me que andam muitos animais por aí...é chato ter que pensar... cansa!

Lição 60

Dia 20-03-98, 13:40h

- Alguém leu o príncipezinho?

- Por acaso já senti muitas vezes o peso da angústia. Era uma angústia que dizia respeito a coisas fundamentais. Uma vez tive de decidir entre sair de casa e ir viver no meu canto. Foi terrível... agora percebo a angústia que o Príncipezinho sentiu quando deixou a sua rosa sozinha...

A angústia é sempre angústia do futuro, do que pode acontecer. Nunca é angústia do que aconteceu. Do passado apenas sentimos desespero e infelizmente já não podemos alterar o que está dado, o que foi feito. O Príncipezinho morreu para ir ter com a sua rosa...eu não hei-de deixar a minha flor passar ao lado.

- Não sei se hei-de ir à Bola. Vou antes tomar uma cervejinha! Depois logo se vê!

- Três modos de vida: estética, ética e religiosa.

- Na verdade os homens não se preocupam muito com

estas coisas. Apenas querem fugir ao tédio. Assim, vivem para e pelo prazer que é imediato. A espontaneidade é o mesmo que criar e mudar constantemente a realidade. Efêmero é palavra de ordem. E porque não? Não é melhor viver para o corpo, para o que em mim há de sensível e que é primeiro, porque a existência contínua do que é primeiro implica que não haja segundo? Deixa de existir tempo. A ideia de tempo traz consigo a ideia de duração e durar é repetir. Repetir é monótono e monotonia já basta nas telenovelas. Aquilo que é imediato, o fugaz não está manchado pelo tempo. Vejam o célebre D. Juan: em nome do que é diferente (depois de passarem pelos seus braços quase todas as mulheres que existem na terra) aceitou a morte de braços abertos. Era a experiência do diferente!!! Com certeza que não ficou lá muito bem...

Esta diferença, este desejo do efêmero durante toda uma vida não levará a uma rotina? Não será ela por si mesma, esta vida que alguém chamou de ESTÉTICA, entediante e aborrecida? Deve ser uma chatice depois de algum tempo. É que a angústia ainda lá está. Pode estar camuflada pelo sentimento do prazer imediato e sensível, mas que lá está não tenham dúvidas. É muito fácil iludir-se pelos prazeres que a vida tem. Mas esses prazeres nunca são suficientes. Vejam bem, quantos carros são precisos para nós ficarmos satisfeitos e felizes?

- *Tenho de comprar outro carro. O Renault está sempre a me lixar a vida. Bem que podia ter um BMW... Talvez um Mercedes? Um Jaguar?*

- Esta estupidez que é querer ter, como se isso adiantasse o facto de que a minha vida não tem sentido nenhum? O que o Principezinho não daria para encontrar a sua flor?!! Ele deu o seu próprio corpo. Quantos homens o fariam?!!

Deixando de haver possibilidades (já não há nenhum carro que seja suficiente) deixa de existir algo que seja absolutamente novo. Deixando de haver novidade, tudo é repetição vazia do mesmo.

Estetas? O sentido não está no que passa, no que vive e morre instantaneamente.

“A minha alma perdeu a faculdade do possível”.²⁵

- *Eu sempre fui apologista da segurança. Mas as saídas da segunda circular estão mal assinaladas. Um dia destes fui bater aos Olivais, só porque não saí a tempo da bendita segunda circular!!*

- A angústia é só do que ainda não aconteceu e diga-se que é na vida em comunidade que encontramos valores. Sim, porque os valores éticos, a escolha entre o bem e o

25 Kierkegaard, *Alternativa III*

mal, são absolutos. São absolutos porque são universais, (não imediatos) tal como a própria comunidade. Aquele que é verdadeiramente ético despreza e abomina as vertigens que os estéticos gostavam de sentir, o risco do infinitamente efêmero. A segurança e o valor da vida está na comunidade a que pertencemos. Reparem que é nela que temos história e história é continuidade. O desprezo pelo momento contínuo é sem sentido, porque só assim é que temos uma história, uma duração. O único problema que eu vejo nisto é que eu deixo de ser eu, enquanto sujeito singular. Ao assumir os valores da universalidade, da comunidade eu simplesmente desapareço enquanto sujeito único, insubstituível, com uma existência irrepetível. Nãahhh... Não me parece que seja aqui o lugar do sentido. Quer dizer, se toda a escolha é ética, então toda a decisão é ética, mesmo que seja errada! E aqui a angústia é ainda maior, precisamente pelo carácter ético da decisão, da tensão entre o bem e o mal. Pois... a decisão é sempre uma escolha entre o Bem e o Mal! E pelo que parece eu simplesmente deixo de existir!!

Vida ÉTICA não é com certeza o que procuro.

- *Não sei porque é que Deus não me faz ganhar a Lotaria...*

- Então e se eu acreditasse em Deus? Não seria mais fácil? Estava tudo resolvido! Eu não deixaria de ser EU, pois ser religioso é acreditar

no Infinito, no que não tem princípio nem fim na ordem do espaço. Seria a negação dos limites. En não me confundiria com o esteta pois em mim teria uma certeza interior. Que estou para aqui a dizer? Como posso eu ter uma certeza interior? Ainda por cima de algo que me transcende infinitamente?? Sim, porque Deus não está ali no café à minha espera.

Quando andava na catequese (os meus pais são católicos) ouvi algo como isto:

“Se não acreditares, não compreendereis”.

Até hoje não sei se compreendi... mas que faz sentido faz. Eu é que não entendo. Estas coisas são complicadas. Fé religiosa...como se sabe que a tem? Nunca me responderam a isto.

Esta seria uma vida de silêncio. Seria uma vida solitária, de interioridade absoluta e a cada instante. Mas ir ao encontro do Infinito não pode ser de modo algum ausência de angústia. Olhem o caso de Abraão quando provou a sua fidelidade a Deus. Prefiro não falar disto. Dão-me calafrios.

Não sei se seria capaz de “olhar” para Deus, para aquilo que alguns chamaram de Transcendente. VIDA RELIGIOSA? Não sei...tem mais sentido, mas quando é que eu tenho fé?

Não será tudo isto um absurdo?

Não será a nossa existência um absurdo? Tudo isto é sem razão! Irracional! Nós é que temos a mania que temos de dar um sentido, porque nós não aguentamos com o facto de que a nossa existência não tem sentido algum, nem é susceptível de recebê-lo!

No café:

- A “stôra” falou que Camus entendia que a vida não tem qualquer sentido. Nós é que criamos como que uma ilusão, nós queremos acreditar que a vida tem sentido. Nós... nós é que temos a necessidade de dar um sentido ao que não tem sentido. E assim vivemos contentes, quando afinal tudo isto não passa de uma farsa! Desgastamo-nos numa existência sem sentido!

Então o que fazer? Suicidar-me!?

Continuar a viver este absurdo? Hummm...há algo de... isto tudo... talvez seja o meu desejo, esta necessidade de me iludir a mim mesmo e ter a esperança que a vida tenha sentido.

- Estes miúdos... devem ser amigos da rapariga do BMW. Estão para aqui a dizer que nós somos uns idiotas que aqui andamos toda uma eternidade (como a segunda circular). Ouvi eles falarem de uma tal de Sísifo que tinha por tarefa absurda levar um pedregulho (ou algo parecido) para o

cimo de uma montanha. Imaginem que o rapaz quando estava quase a chegar a pedra rolava montanha abaixo. O pior é que ele não desistia. É só doidos!!

Sísifo

Recomeça...

Se puderes,

Sem angústia e sem pressa.

E os passos que deres,

Nesse caminho duro

Do futuro,

Dá-os em liberdade.

Enquanto não alcances

Não descanses.

De nenhum fruto queiras só metade.

E, nunca saciado,

Vai colhendo

Ilusões sucessivas no pomar.

Sempre a sonhar

E vendo,

Acordado,

O logro da aventura.

És homem, não te esqueças!

Só é a tua loucura

Onde, com lucidez, te reconheças.

Miguel Torga, *Diário*

- Tenho que pensar melhor nisto...outro absurdo? O Principezinho não considerava a sua rosa um absurdo! Eu também não! Não sei!

- *Vou à Bola! Os miúdos deixaram isto aqui. É um teste de Filosofia do rapaz que sentou-se à minha frente...não deve gostar dos testes de Filosofia.*

Teste de Filosofia

Pergunta 1 do Grupo IV – 20 valores

Comente o texto:

A vida em si não tem sentido...

Ela, em si, não...respondi.

Mas tem o sentido que lhe damos.

Tem a nossa riqueza, o nosso entusiasmo, o nosso orgulho...

Ou a nossa covardia.

-Miguel Torga-

Lição 61

Dia 03-04-98, 14:40h

Nota: a diferença de 13 dias entre os sumários deve-se ao facto da professora de Filosofia ter estado doente.

“A existência precede a essência”.

- Se nós é que escolhemos o nosso caminho, então eu

sou projecto de mim próprio?

- *Vou deixar de ir pela segunda circular.*

- Sou livre? Liberdade de acção e na relação com os outros? Mas eu não posso fazer o que quero. Eu sou sempre responsável.

“(...) Ficas responsável para todo o sempre por aquilo que está preso a ti. Tu és responsável pela tua rosa...

- Sou responsável pela minha rosa...- repetiu o príncipezinho, para nunca mais se esquecer.”²⁶

- *Agora tenho de pagar os estragos do BMW!! Oh, vida!*

- *Estamos condenados à liberdade, diz-nos Sartre!*

- Quer dizer, *em-si* mesmo, como objecto e *para-si* enquanto consciência o homem é um feixe de possibilidades? É isso? É aquilo que a “stôra” disse de o homem ser um horizonte de possibilidades? Então eu sou sempre *obrigado* a escolher? Onde é que está a liberdade se eu sou *obrigado*? Mesmo quando eu não escolho, estou a escolher?!...

(...) “o que significa ser livre ? Será ser abandonado a si mesmo: não ser mandado,

26 Exupéry A., *Príncipezinho*, pg. 74

compelido, forçado, ameaçado, molestado, incomodado ou vítima de ingerências? Ou tudo isto, mas devido a algo mais essencial? O essencial não é ter a possibilidade de viver a vida que se escolhe e que se acha digna de ser vivida? Mas, se for essa a base da liberdade, então ficar entregue a si próprio não pode ser a única solução. Pelo menos, terá de haver opções - opções por que valha a pena optar. (...)"²⁷

- Eu não passo de um simples empregado do café do aeroporto... quem me dera ser Deus. Ele não tem destes problemas. Bem, eu podia não pagar as despesas do BMW. Ela deve ter montes de dinheiro...para ter um carro daqueles com aquela idade! Não...

- Estar condenado à liberdade é aquilo que se opõe à Má-fé, à ausência de possibilidades. É ter-se como acabado, é desejo de ser Deus, é ser incapaz de criar...

“A Filosofia é o caminho do desespero” - Hegel

28

27 Steven Lukes, *O Curioso Iluminismo do Professor Caritat*, pg. 240

28 *Manual de 11º ano*

Na segunda circular:

- *Que desespero ter de empurrar o carro por mais de três quilómetros!!*

Na biblioteca:

,- “Stôra”, o que é o sentido?

*“Eram as almas sequinhas dos filósofos,
Translúcidas e finas,
À força de tentarem reflectir
A vida e o seu enigma.
Seus olhos encovados e sombrios
De pássaro nocturno
Olhavam friamente a Dor eterna.
Eram as almas cépticas dos sábios,
Enrugadas e calvas,
Ostentando no lívido nariz
Os defumados óculos da Verdade.
E, num sorriso incrédulo, fitavam
O vulto de Satã que estremecia
E quase se apagava...”²⁹*

- ... não sei...

29 Teixeira de Pascoaes, *regresso ao Paraíso*, Assírio & Alvim, 1986

- Então para quê a Filosofia? Para quê?

(...) O essencial é invisível para os olhos...

(...) Os homens já se esqueceram desta verdade
- disse a raposa. - Mas tu não te deves esquecer
dela. (...)

(...) - O que é importante não se vê...

- Pois não...

(...) - Os homens - disse o Príncipezinho - bem
se encafuam dentro dos comboios, mas já não
sabem do que andam à procura. Portanto, não
fazem senão andar à roda...

E ainda comentou:

- É que não vale mesmo a pena!³⁰

No parque de estacionamento da escola o BMW não
pega. Alguém arrancou o autocolante. Uma rapariga com
cerca de 25 anos caminha a pé. Vai sentar-se junto ao Tejo.

“Sempre a direito não se pode ir longe...”

O Príncipezinho sentou-se numa pedra e
levantou os olhos para o céu:

- Se calhar, as estrelas só estão iluminadas para

30 Exupéry A., *Príncipezinho*, pgs. 74 a 80

que, um dia, cada um de nós possa encontrar a sua. Olha para o meu planeta. Está mesmo aqui por cima...mas está tão longe!...

(...) - Onde estão os homens? - acabou finalmente por perguntar o Príncipezinho. - No deserto está-se um bocado sozinho...

- Também se está sozinho ao pé dos homens - disse a serpente. (...)

- Os homens? Tenho a impressão que só há uns seis ou sete. Vi-os há uns anos. Mas nunca se pode saber onde é que estão. O vento empurra-os de um lado para o outro. Não têm raízes e isso faz-lhes muita falta...³¹

Na paragem do autocarro:

- Mas tem que ter sentido... se não eu não pensava nela... a vida tem o sentido que eu lhe dou. O sentido tem de estar fora do mundo! Eu! Absurdo? Não... O MUNDO DO HOMEM FELIZ É DIFERENTE DO MUNDO DO HOMEM INFELIZ. O austríaco tinha razão! Se a Filosofia não nos torna melhores, deixemo-la de lado.³²

³¹ *Idem*, pgs. 60 a 62

³² Escrito no caderno.

*E talvez seja esta a verdadeira razão do meu destino. Talvez já tenha chegado ao túmulo de onde posso recuperar o mundo perdido, o mundo invisível. Mas nunca o saberei porque já não estou aqui. Umás vezes, parece-me ser este o conteúdo da felicidade tão arduamente pesquisada; outras vezes, creio que já estou no inferno. Só muito raramente me aproximei do espelho, de faces inchadas, com um sorriso infantil perpetuamente instalado na cara de gesso. E esse sorriso recordou-me qualquer coisa que, um dia, esqueci (o autor refere-se à vida). Seria mais exacto dizer que esse sorriso me recorda que esqueci qualquer coisa. Mas não sei o quê, porque o esqueci. E como é possível recordar que se esqueceu qualquer coisa?*³³

Referências Bibliográficas

Antoinne S. E.(s.d.). O Principezinho. Lisboa: Ed. Caravela. 12^a ed.

Agostinho St^o. (1990). Confissões. Braga: Livraria Apostulado da Imprensa. 12^a ed.

33 Félix de Azúa, História de Um Idiota Contada Por Ele Mesmo, pg. 115

- Aristóteles. (1994). *Metafísica*. Madrid: Ed. Gredos
- Coreth, E. (1988). *O que é o homem?*. Lisboa: Ed. Verbo
- Descartes, R. (1989). *Regras Para a Direcção do Espírito*. Lisboa: Edições 70
- Descartes, R. (1989). *Discurso do Método*. Porto: Porto Editora
- Weil, E. (1990). *Filosofia Política*, S. Paulo: Ed. Loyola
- Azúa, F. (1986). *História de Um Idiota Contada por Ele Mesmo*. Lisboa: Editorial Quercó
- Berkeley, G. (1989). *Tratado Sobre os Princípios do Conhecimento Humano*, (s.l.). Nova Cultural
- Gonçalves, R. (1997). *Diálogo Sobre os Dois Grandes Sistemas do Mundo: O "Senso Comum" e o "Senso Científico"*. Lisboa: Terramar
- Lars, G. (1992). *A Morte de um Apicultor*. Lisboa: ASA
- Kierkegaard, S. (1989). *O Banquete*. Lisboa: Guimarães Editores. 5ªed.
- Kierkegaard, S. (s.d). *O Conceito de Angústia*. Lisboa: Ed. Presença
- Kant, I., (1989). *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2ªed.
- Handke, P. (1987). *A Angústia do Guarda-Redes Antes do Penalty*. Lisboa: Relógio D'Água
- Lem, S. (1986). *Congresso Futurológico*. Lisboa:

Caminho Ed.

Lukes, S. (1996). *O Curioso Iluminismo do Professor Caritat*. Lisboa: Gradiva Ed.

Tolstoi. (s.d.). *A Morte de Ivan Ilich*. Lisboa: Ed. Verbo

T.S. Eliot (1983). *Quatro Quartetos*. Lisboa: Ed. Ática. 3ªed.

T. S. Eliot. (1994). *Quarta-Feira de Cinzas*. Lisboa: Hiena Ed.

Pascoaes, T. (1986). *Regresso ao Paraíso*. Lisboa: Assírio & Alvim

Nagel, T. (1997). *Que Quer Dizer Tudo Isto?* Lisboa: Gradiva

Wittgenstein, L. (1995). *Tractatus*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2ªed.

Outras Fontes:

DN, 97 - 10 - 18

Filmes

Clube dos Poetas Mortos

Who is the Master?